



DA AUTORA DE NOCTICADIA

O que está adormecido
nunca deverá ser acordado.

ELDRITCH

KERI LAKE

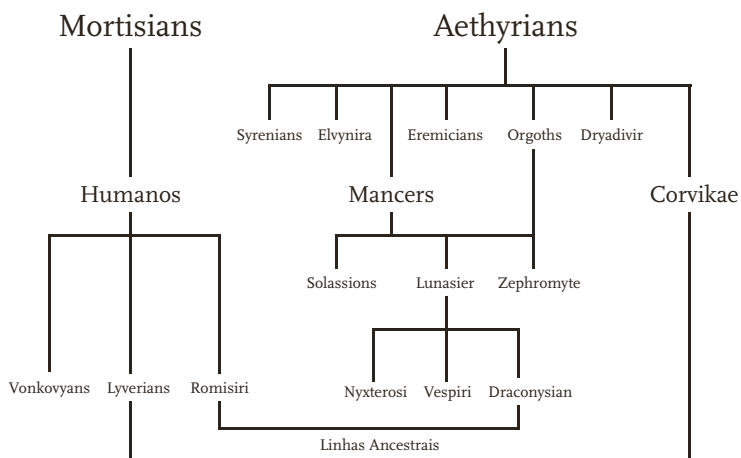
TOP
SEL
LER

SÉRIE
THE EATING WOODS

«Assim perecem os de alma sombria,
Ou vivem como o escorpião, rodeado por fogo.»

Lord Byron





Raças aethyrian

Corvikae [cor-vi-kai] — Tribo antiga mortal que foi extinta devido ao genocídio; adorava a Deusa da Morte; diz-se que tinha sangue corvugão; oriunda do Norte de Nyxteros.

Traços distintivos: cabelo escuro, pele bronzeada clara, mortais.

Dryadivir [dri-ad-i-vir] — Raça de aethyrians que vivem na floresta e por vezes conseguem assumir a forma de árvores; bastante inteligentes e frequentemente procurados pelo seu conhecimento; crê-se que são os antepassados dos Mancers; oriundos do Leste de Vespíria.

Traços distintivos: pele rugosa como a casca ou as raízes das árvores; chifres semelhantes a galhos, capazes de manipular o poder elemental.

Elvynira [el-vi-ni-ra] — Aqueles que praticam magia através de Nexumis; altamente inteligentes e frequentemente desejados como conselheiros do rei; oriundos da ilha nevada de Calyxar.

Traços distintivos: pele escura ou bronzeada, cabelo branco (embora alguns tenham cabelo ruivo e tez pálida), orelhas pontiagudas.

Eremician [e-rei-mi-chian] — Os que vêm das terras desérticas de Eremicia; guerreiros com aptidões excepcionais cujo poder consiste na capacidade de manipular a areia e o fogo.

Traços distintivos: cabelo escuro, pele com escamas que pode ficar da cor da areia, olhos grenás.

Lunasier [lu-na-sir] — Mancers cuja magia hereditária é alimentada pela Lua; oriundos de Nyxteros, Draconysia e Vespyria.

Traços distintivos: cabelo escuro ou prateado, pele prateada ou pálida, olhos azuis ou dourados.

Mancers/Manceborn — Humanos imortais nascidos com magia de sangue.

Orgoths — Criaturas semelhantes a ogres, conhecidas por serem extremamente violentas; não possuem magia, mas sim uma força excepcional; oriundas no Norte de Solassios e Maleviarys, no Sul de Vespyria.

Traços distintivos: Humanoides musculados com pele verde ou azul, alguns têm presas aguçadas e orelhas pontiagudas.

Solassions [so-lei-chuns] — Mancers cuja magia hereditária é alimentada pelo Sol; oriundos de Solassios; acredita-se que foram os primeiros mancers imortais.

Traços distintivos: pele bronzeada clara, cabelo louro, olhos azuis.

Syrenians [sai-ri-ni-ans] — Habitantes marinhos com caudas escamadas longas e pretas e barbatanas. São descritos como tendo uma beleza hipnotizante, mas muito perigosos, já que são ferozes e adoram o sabor da carne de mancer. Encontram-se nas profundezas geladas e escuras no Mar de Primmian; alguns marinheiros humanos afirmam ter visto syrenians também no Mar de Abyssius.

Traços distintivos: cabelo preto ou branco, pele escura ou pálida, olhos prateados ou dourados. Os que vivem no fundo da Fossa Crussurian têm, presumivelmente, olhos pretos e pele cinzento-clara.

Zephromyte [ze-fro-mai-te] — Cruzamento entre mancers e orgoths; altamente agressivos e competitivos; renegados pelos orgoths.

Traços distintivos: são tendencialmente semelhantes a mancers, mas têm corpos mais musculados, alguns podem parecer-se mais com orgoths e ter menos músculos.

Glossário

- Aço venetox** — Metal forte que se diz ter sido forjado em Nethyria;
- Ascendência** — Fase da vida, semelhante à puberdade, em que os Mancers começam a ter acesso à sua magia hereditária;
- Aura** — Vestígio de magia que permanece e pode ser usado para identificar um mancer;
- Azurmadine** — Elemento encontrado nas cavernas de Sawtooth e que emite um brilho azulado;
- Baga morum** — Baga adocicada que cresce em videiras e é usada para produzir vinho; as folhas usam-se para fabricar um óleo que se diz ter a capacidade para afastar os espíritos malévolos; as flores fazem parte da família Beladona e a sua ingestão é altamente tóxica;
- Bellatrix** — Guerreiras femininas, metade solassion e metade zephromyte;
- Blood crux** — Coração de sangue;
- Bone Grist** — O Poço ou O Triturador de Ossos (abreviado para o Triturador);
- Caligorya** — Espaço negro no interior da mente;
- Caligosi** — Animal cuja pele é usada para cabedal;
- Cammyck** — Roupa interior masculina;
- Cantafel** — Feitiço que possibilita a passagem pelo Umbravale (e que só alguns conhecem);
- Carnavor** — Demónio que vive na floresta e tem um apetite voraz por carne humana;
- Carnifican** — Mancer que consumiu demasiado vivicantem e se tornou violento;
- Catallys** — Criaturas noctívagas que vivem na floresta, cruzamento entre um gato e um falcão;
- Celaestrioz** — Criatura agressiva semelhante a um pirilampo, mas com rosto humano;
- Cerimónia de Transformação** — Ritual de passagem para jovens mulheres quando atingem a idade adulta e a maturidade sexual;
- Chicklebane** — Flor apimentada que serve como relaxante muscular;
- Cliff Tombs** — O Penhasco dos Túmulos;

- Cor de Aethyria** — O coração de Aethyria, situado a milhares de quilômetros abaixo da superfície, onde a chama negra é mais quente;
- Corvugão** — Primo do drakon, criatura serpentina, com quatro patas, pena, bico e asas. Expele fogo prateado;
- Decimation** — A Aniquilação;
- Defunturo** — Ombrevor, os defuntos futuros, aqueles que ainda vão morrer;
- Deimosi** — Medos que os que morrem deixam para trás e que, mais tarde, se transformam em sombras;
- Demutomância** — Alteração do sangue; forma de magia proibida;
- Drake** — Criatura serpentina com quatro patas e sem asas;
- Drakon** — Criatura serpentina, sem asas;
- Duelo de magos** — Técnica de combate que incorpora glifos sobrenaturais e feitiços de sangue;
- Duoculos** — Condição que afeta a pigmentação da íris depois de uma lesão;
- Eldritch** — O poder antigo; sobrenatural, espetal;
- Erva dindle** — Poderoso afrodisíaco;
- Espiritinos** — Criaturas pequenas semelhantes a fadas que vivem na floresta, de corpo franzino e rosto humano; altamente agressivas; atacam em bandos;
- Fervenszi** — Bebida alcoólica potente;
- Flamellian** — Aquele que pratica Sangramento de Fogo;
- Flammapul** — Veneno que provoca paralisia extrema quando introduzido diretamente na corrente sanguínea ou em ferimentos;
- Fogo sable** — Elemento dos deuses, forjado no Cor de Aethyria;
- Forenzycaris** — Mancer que se especializa em investigar assassinatos e auras;
- Forja nas brasas** — Ritual que consiste na ingestão de fogo sable; é extremamente perigoso, pode causar deformações naqueles que já atingiram a idade da ascendência; só foi bem-sucedido uma vez;
- Fragor** — Rocha que pode ser detonada com um encantamento adequado, provocando grandes explosões;
- Glifos** — Símbolos que coincidem com tipos específicos de magia de sangue; aparecem nas palmas das mãos sob a forma de cicatrizes;
- Golvyn** — Criatura metade homem, metade ratazana que vive nas muralhas dos castelos;

- Initios** — Cerimónia levada a cabo pela realeza para iniciar uma celebração; uma bênção;
- Keltzig** — Unidade monetária na forma de moedas de prata;
- Koryn** — Grandes serpentes com escamas que habitam fossos e rios;
- Lascar** — Capacidade para se transportar de um lugar para outro através de paredes e superfícies planas;
- Letalista** — Assassinos do rei cuja identidade é frequentemente mantida em segredo;
- Ligação abissal** — Poder para manter alguém preso em Caligorya;
- Liro** — Unidade monetária (mais valiosa do que o keltzig) na forma de moedas pretas;
- Lunamiska** — Expressão: Minha pequena bruxa da lua;
- Lutoculotes** — Roupa interior que se usa quando de luto;
- Luz Prélunar** — Luz da Lua que ajuda os alimentos noturnos a crescer e confere poder aos Lunasier, raça de Mancers cuja magia de sangue é alimentada pela Lua;
- Marca de sangue** — certificado de sangue; documento que atesta a lista de magias de sangue;
- Magestrolian** — Irmandade de elite composta pelos magos mais hábeis; conselheiros do rei;
- Magriço** — Criança nascida em Nilivir; não tem magia de sangue e não pode ter filhos (estéril);
- Malevol** — Um espírito demoníaco;
- Malvicantem** — Privação de vivicantem;
- Malustone** — Pedra dourada que consegue infligir tragédia quando oferecida a alguém;
- Mimicorvo** — Espécie de aves criadas pelos magestroli que servem de espiões e imitam tudo o que ouvem;
- Mortemian** — Coletores de morte da cidade;
- Mor samanet** — *A morte espera*;
- Muripox** — Doença extremamente contagiosa que provoca bolhas hediondas sobre toda a pele;
- Nectardeium** — Néctar dos deuses, bebida alcoólica potente;
- Nexumis** — Capacidade para manipular glifos sem magia de sangue; prática usada pelos Elvyniras;
- Nilivir** — Mancers que perderam a sua magia de sangue ao longo do tempo, por falta de vivicantem;

- Nilmirth** — S rum da verdade potente que provoca um mal-estar violento a quem mente;
- Pahzatsz** — Tubérculo, semelhante a batatas;
- Pendulnyx** — Mamífero de tromba comprida, mais pequeno do que o elefante;
- Porthounds** — Cães de Portas, guardas fronteiriços de Calyxar;
- Primyria** — Língua antiga dos deuses, falada por alguns vesp ri;
- Prodozja** — Forma protetiva de magia de sangue que aparece sob a forma de um animal/inseto;
- Pyromago** — Mancer que consegue manipular o fogo;
- Quints** — Unidade monetária (menos valiosa do que o keltzig), na forma de moedas vermelhas;
- Raiz de sickhash** — Raiz de planta por vezes dada a crianças antes de se deitarem, para as adormecer;
- Rapax** — Predador de crianças/pedófilo;
- Rapiuza'mej et rapellah'mej** — Numa tradução lata: *Toma-me e arrebatame* ou *Toma-me   força*;
- Raptacy** — Elixir, originalmente concebido para ser um t nico para dormir, que aumenta a libido;
- Razorwolves** — Lobos-navalha;
- Sangramento de Fogo** — Ato de salpicar flammapul sobre a língua, depois fazer pequenos cortes sobre a pele e lambar os ferimentos para transferir o veneno; provoca paralisia extrema;
- Sangue Superior** — Nobres de Aethyria, abastados;
- Septomir** — Ceptro poderoso que foi usado para criar o Umbravale, alimentado pelo sangue dos sete;
- Serotonics** — Venenos de sangue frequentemente produzidos em laboratórios ilegais;
- Sexsells** — Aqueles que se dedicam a atos sexuais a troco de dinheiro;
- Tecelões** — Bolsas de ervas que se usam para afugentar os pesadelos e os espíritos malignos;
- T nico mandrawyld** — T nico potente com propriedades alucinog nias extraído das raízes da mandr gora negra e da floresta selvagem;
- Umbravale** — Barreira criada pelo septomir que separa Mortasia de Aethyria;
- Veio** — Fendas profundas de lava através da qual o fogo negro se ergue vindo do Cor;

- Veniszka** — Termo aethyrian para bruxas mortais que lançam feitiços;
- Vivicantem** — Nutriente extraído dos veios, necessário para a magia de sangue; sem o seu consumo, a magia de sangue dissipa-se;
- Wickens** — Termo mortasian para descrever os espirítinos.

Glifos

Aeryz [a-e-ris] — Vingança do vento; glifo que usa o vento para derrubar um adversário;

Erigorisz [e-ri-go-ris] — Poder de levitar objetos com o pensamento;

Evanidusz [e-va-ni-dus] — Desaparecer num fumo negro; tornar-se invisível ao olho nu;

Lysing [lai-sing] — glifo de lise; provoca a dissolução dos tecidos e células;

Osflagulle [os-fla-ju-le] — Poder de quebrar ossos; basta um golpe para os destruir;

Propulszir [pro-pul-sir] — Repelir poderes; glifo protetor que evita a leitura do pensamento.

Deuses de Aethyria

Deimos [dei-mus] — Mortal que se tornou Deus do Caos e do Fogo;

Magekae [mei-ge-cai] — Deus da Alquimia e da Imortalidade;

Morsana [mor-sa-na] — Deusa da Morte;

Pestilios [pes-ti-li-os] — Deus da Pestilência e da Fome;

Vivarya [vi-va-ri-a] — Deusa da Fertilidade.

Aviso de conteúdo sensível

Este livro contém situações potencialmente perturbadoras, que podem acionar eventuais gatilhos. Pode consultar a lista completa de gatilhos — com *spoilers!* — na minha página: <https://kerilake.com/pages/trigger-warnings>

Prólogo

Dezanove anos antes...

Os gritos ecoaram vindos da fenda abissal.

O ar frio e húmido da cripta de pedra quase roubava o fôlego à jovem noviça na caminhada apressada em direção aos gritos guturais. O coração latejava-lhe contra as costelas, fustigando-as.

— Abranda o passo, criança infernal — resmungou Sacton Crain atrás de si, enquanto cambaleava para a conseguir acompanhar.

Cada cela pela qual passava continha nada menos do que meia dúzia de mulheres e crianças — a maior parte, lyverians capturadas pelos Homens Vermelhos. Embora o odor pútrido da morte, dos excrementos e da podridão deixassem certamente Sacton Crain nauseado, a rapariga já estava habituada ao fedor, já que passara a maior parte dos seus dias nas profundezas putrefactas do templo.

Os gritos levaram-na até a uma cela onde uma mulher lyverian, não muito mais velha do que ela, se contorcia no chão áspero, a espernear e a gritar. Os membros e a testa exibiam as marcas da cruz feitas por uma faca romba, todas a escorrer sangue fresco. Com os braços presos ao lado do corpo por três outras Véus Vermelhos, via-se afogada num mar de mantos carmesim.

— Entreguem-ma! — A pronúncia lyverian permeava pesadamente as palavras roucas, tão fresca como o sangue que lhe pingava do nariz, onde devia ter sido esmurrada. — Devolvam-me a minha filha!

Sacton Crain passou pela noviça e entrou na cela.

— O que é tão urgente para me arrastarem da cama como se os mortos tivessem regressado à vida?

— Um nascimento, Vossa Graça. — A Mãe Vona, a única Véu Vermelho que tivera permissão para manter a língua, pairava sobre a mulher que se contorcia, os olhos austeros entorpecidos com apatia. — Veja.

Ao lado da Mãe Vona estava outra prisioneira — uma vonkovyan, a avaliar pelo tom dourado imundo do seu cabelo — com roupas puídas que

mal se agarravam ao corpo. A tremer, segurava nos braços uma pequena trouxa.

Sacton Crain caminhou trôpego até junto da mulher e no instante em que espreitou para a criança, as sobrancelhas baixaram.

— Foste tu quem a ajudou?

— Sim, Vossa Graça — respondeu a prisioneira vonkovyan. — Ouvi-a a murmurar qualquer coisa numa língua desconhecida. — Fitou a mulher que se contorcia no chão e a traição espelhava-se no seu rosto. — Mas não havia aqui nada além de sombras.

— É mentira! — gritou a mulher, contorcendo-se para tentar libertar-se das mãos que a prendiam contra o chão. — Eu rezei aos deuses. Aos *meus* deuses!

A Mãe Vona olhou para a lyverian.

— Os olhos prateados são uma abominação. Tu deste à luz a um demónio. Os teus deuses abandonaram-te, mulher. Compreendes o que te digo?

A mulher restringida gritou, debatendo-se contra as Véus Vermelhos que a controlavam a custo.

— Devolvam-me a minha bebé! Devolvam-na imediatamente!

Sacton Crain ajoelhou-se ao lado da mulher e acariciou-lhe o rosto com a mão.

— Pronto, pronto. O mal trazido a este mundo deve ser eliminado, mulher, porque somos meros pastores sem misericórdia, fazemos o trabalho da doutrina sagrada.

A Veu Vermelho mais velha olhou para a noviça e assentiu em direção da prisioneira que segurava a bebé.

— Leva-a para a Floresta Devoradora. Oferece-a como sacrifício, para que possamos ser abençoados com um inverno suave.

Era um destino cruel e fatal para uma criança com menos de um par de dias de vida. Se o que vivia naquela floresta não lhe arrancasse a carne dos pequenos ossos, os animais que rondavam a floresta em busca de alimento certamente o fariam. A noviça assentiu sem questionar e encaminhou-se para a mulher, que lhe entregou a criança.

Assim que teve a bebé nos braços, a noviça viu, com horror, Sacton Crain a deslizar uma lâmina pelo pescoço da mãe lyverian.

A respiração soluçou na garganta da mulher e ela engasgou-se, gorgolejando ofegante, enquanto o sangue escorria do pescoço para o chão de terra. Depois de conseguir soltar-se das mãos que a imobilizavam, agarrou

nas de Sacton Crain, o sangue a pingar da lâmina que o sacerdote ainda segurava.

Palavras roucas, ditas na língua nativa, foram interrompidas por golfadas de sangue e os olhos de Sacton Crain arregalaram-se, o corpo imóvel, aparentemente paralisado pelo toque da mulher. Os olhos fixaram-se nela, a boca aberta como se pudesse gritar, mas a voz aparentava ter ficado refém de algo invisível.

— Um poder antigo... libertado... da escravidão. Dois mundos esmagados... pelo manto da pestilência... — As palavras da mãe lyverian foram interrompidas pelo seu último suspiro. — Das árvores... e da podridão... os insetos sairão. A decadência e o mal... que o aço não derrota... deixará de joelhos... os homens mais poderosos.

As últimas palavras da jovem mãe caíram sobre a cela como um manto lúgubre e quando o seu corpo finalmente colapsou, libertou as mãos de Sacton Crain, que recuou apressado, evidentemente perturbado pelos sussurros que acabara de ouvir.

O queixo tremeu-lhe ao dizer:

— Ninguém deve saber disto. Nunca ninguém pode saber disto!

A prisioneira vonkovyan gritou quando as três Véus Vermelhos a contornaram e silenciaram rapidamente, esfaqueando-a com os seus pequenos punhais.

O pânico enroscou-se na barriga da noviça, a respiração tornou-se errática, o coração batia descompassado à medida que olhava para o sangue e morte que a rodeavam.

— É uma bênção para ti não teres língua para contares o que aqui se passou, senão o teu destino seria o mesmo. — A Mãe Vona desviou os olhos da cena sangrenta e fitou-a. — Agora, vê-te livre da criança, e depressa.

Baixando a cabeça numa vénia, a noviça assentiu e saiu da cela com a bebé demasiado calada nos braços. Apressou-se a percorrer os túneis da cripta, que conhecia demasiado bem, já que a sua própria mãe fora feita prisioneira pelos Homens Vermelhos. Só ascendera à posição de noviça pela misericórdia de Sacton Crain, de contrário teria apodrecido na mesma cela que acabara por testemunhar a morte da mãe.

Mãe essa que teria escondido a cabeça com vergonha ao ver que a própria filha levava agora uma criança inocente para a morte. Ainda assim, e apesar de a ideia a perturbar profundamente, a noviça recusava-se

a renegar aos seus deveres. Fazê-lo traria grandes castigos — possivelmente até o exílio para a floresta infernal.

A caminho da pesada porta de madeira ao fundo do corredor, pegou num dos cestos que se usavam para recolher ervas aromáticas no jardim e parou para deitar a criança no seu interior. Tirou uma das pequenas lanternas de óleo deixadas ao lado de uma cadeira de madeira e acendeu a mecha.

Levantando o capuz para cobrir o rosto, a noviça empurrou a porta, lutando contra rajadas de vento, e saiu para o frio de inverno. Os vapores gelados da respiração dissipavam-se na noite sem luar e a neve gelada quebrava-se por baixo das suas botas. Pelas lágrimas de Deus, a criança não precisaria de temer os dentes de um animal feroz, porque aquele frio inclemente havia de causar a sua morte antes de qualquer outra coisa.

Apesar de a chama da lanterna se manter acesa dentro da campânula de vidro, a luz tremeluziu no braço estendido da rapariga e, com o cesto apoiado no interior do cotovelo, segurou no manto ao atravessar rapidamente a vila adormecida, passando pelas pequenas oficinas e fonte de pedra. Algumas lareiras acesas proporcionavam um pouco de luz do lado de lá das janelas, à medida que continuava para o carreiro estreito que saía da povoação, onde a escuridão a engoliu. Com os olhos atentos ao ambiente que a rodeava, procurou quaisquer sinais de lobos, que se dizia que atacavam os caminhantes solitários. Ao sentir uma rajada de vento forte, o rosto foi fustigado por agulhas de frio cortante e o choro baixinho vindo do cesto provocou-lhe um arrepio de medo que lhe percorreu a espinha.

Quando o capuz do manto foi soprado para trás, expondo as orelhas ao frio avassalador, gemeu. *Maldita criança que se recusa a ficar calada!* Quanto mais alto chorava, maior se tornava a vontade de a sufocar, até que, pela graça de Deus, se calou finalmente. Sem saber se preferia o silêncio ou o choro, apressou-se ainda mais e ponderou deixar a bebé ali mesmo, no carreiro. Só que, e se a Mãe Vona descobrisse que não a deixara na Floresta Devoradora? Que castigo terrível teria.

Quando chegou por fim à orla da floresta, andou rapidamente, mantendo sempre a distância das árvores que podiam estender os seus ramos e puxá-la. O vento deu lugar a uma quietude sinistra, a criança calou-se também, até se ouvir apenas a respiração aflita da noviça e os seus passos sobre a neve.

Algures da floresta adjacente, ouviu sons de risinhos e virou a cabeça para tentar ver por entre o nevoeiro denso e os troncos grossos das árvores.

Não encontrou nada além de vegetação putrefacta e um fedor a podre.

Ainda assim, abrandou o passo, sem se atrever a fitar as árvores, até que alguma coisa lhe prendeu a bota. Aproximando a lanterna do chão, franziu o sobrolho ao ver um vulto pequeno e ensanguentado caído na neve. Pela forma como se dobrava e pelos cascos, devia ser um animal, mas a ausência de pelo e os poucos fiapos de carne por cima dos ossos não permitiam perceber de que criatura se tratava.

Um terror crescente arrastou-se sobre a espinha da noviça. Engoliu em seco e contornou a pobre criatura; ao olhar para os olhos prateados e cintilantes da criança, recordou que, em breve, também esta teria o mesmo destino.

Desviou os olhos e abanou a cabeça.

É a vontade do Deus Vermelho.

Mesmo que, por vezes, achasse o Deus Vermelho impiedoso e cruel, quem era ela para questionar a sua vontade?

Por fim, a noviça alcançou o arco na floresta, aquele onde os ramos tortuosos se contorciam à volta de ossos antigos e formavam uma passagem por entre as árvores de ar desolado. Com os dentes a bater de medo, a noviça pousou o cesto sobre as pedras, sem se atrever a ultrapassar o limiar com uma mão que fosse.

Um passo apressado de garras sobre a neve fê-la virar-se de supetão, enquanto o coração batia descompassado. Atrás de si, aglomeravam-se meia dúzia de corvos, e a imagem era sinistra. Mas sempre era melhor um bando de corvos do que a criatura que vivia para lá das árvores.

— Eleanor.

A noviça arquejou e chegou-se para trás, afastando-se da entrada da floresta.

— Minha doce Eleanor. — A voz que lhe chegara aos ouvidos era demasiado parecida com a da mãe. — O que tendes contigo, minha filha?

A noviça franziu o sobrolho à língua arcaica da mãe. Tanta formalidade no discurso não era usada desde a juventude da sua avó.

Uma sombra espectral moveu-se por entre as árvores, um lampejo de branco que fazia lembrar o vestido que a mãe tinha usado na noite em que foram capturadas e levadas para o templo. Era apenas uma criança

quando acontecera, aterrorizada quando ambas tinham sido forçadas a entrar na carruagem que recolhia aqueles acusados de insanidade. Nos meses seguintes, tinha visto a mãe sofrer cruéis interrogatórios, torturada com bastões e submetida a tratamentos para os maus humores. Com o tempo, o vestido branco da mãe tinha acumulado todo o tipo de sujidade, secreções e sangue — uma coleção representativa do seu sofrimento.

— Vinde, Eleanor. Fugi comigo para a floresta. — Outro lampejo de branco, seguido do distinto longo cabelo ruivo da mãe, como se andasse a esconder-se por entre as árvores.

Um eco distante do riso da sua mãe, um que não ouvia há anos, trouxe-lhe um sorriso triste ao rosto.

— Vamos divertir-nos até que a noite dê lugar à aurora!

A figura fantasmagórica rodopiou e escapou-se por entre as árvores, e a noviça aproximou-se.

— Vinde, filha. Livrai-vos dessas amarras e vinde viver como vos aprouver.

A língua antiga ainda a perturbava, mesmo que a mãe outrora se des-cuidasse e falasse como a sua avó, mas o encanto na voz da mãe convidava Eleanor a chegar mais perto.

Um choro uivante da criança no cesto não lhe quebrara o foco, à medida que via a figura oscilar pelos troncos das árvores, pisando e quebrando os ramos caídos.

Mãe! Estendeu a mão, as pontas dos dedos esticando-se para lá do arco.
Espera por mim, mãe!

A criança chorava no cesto, os seus gritos cheios de terror, e a noviça despertou do seu transe ao ver os olhinhos brilhantes a fitarem-na a partir de uma carinha vermelha como um tomate. Os corvos tinham-se aproximado, cacarejando como se gozassem com ela. Um voou até à noviça e ela levantou as mãos, tentando enxotá-lo. Outro juntou-se ao primeiro, e as suas garras afiadas arranhavam-lhe agora a pele exposta.

Desapareçam! Desapareçam!

Tentou afugentar os corvos esbracejando, involuntariamente chegando-se para trás, para evitar um ataque das agoirentas aves.

Algo frio lhe segurou no pulso e, ao virar-se para olhar, deparou com uma criatura bestial, alta, com pele como a casca das árvores e hastes na cabeça. Fitava-a.

O carnavor.

O grito rasgou-se no seu peito, ao mesmo tempo que um puxão violento a levou para lá do arco.

Para a Floresta Devoradora.

À distância, ecoavam gritos agudos de agonia e a Bruxa Velha endireitou-se, abandonando o canteiro de bagas morum congeladas. Virou-se para a Floresta Devoradora e ficou à escuta. Não era invulgar ouvir um ou outro grito de uma pobre alma inocente que se aproximara demasiado.

Idiotas.

Regressou à sua tarefa, mas um novo som ergueu-se, sobrepondo-se ao primeiro. Um lamento longo e nasalado de uma criança que se tornava cada vez mais frenético e agudo. Como o de um recém-nascido.

A franzir o sobrolho, ergueu a lanterna e caminhou com dificuldade até à esquina da pequena casa de campo, foi até ao meio do jardim, de onde conseguiu ver um objeto estranho pousado no meio da neve, rodeado por um bando de corvos.

Um bebé num cesto?

Olhando em redor, não viu ninguém, mas os gritos continuavam a ecoar no ar, até a Bruxa Velha já não conseguir ignorá-los. Aproximou-se a coxear, mantendo-se sempre longe da orla da floresta. Chegou-se ainda um pouco mais e deparou com o cesto onde um bebé tremia, as mãos minúsculas já fora do pano que a protegia. Um corvo aninhava-se ao lado da criança, que parecia fascinada ao fitá-lo e deixou de chorar. Aqueles olhos, cor de prata, permaneciam hipnotizados com a ave.

Olhos prateados e pele de uma palidez mortíça.

A criança que a sacerdotisa profetizara que havia de chegar com a nova lua.

A Bruxa Velha olhou para o céu negro e voltou a olhar para baixo, onde um fiapo de tecido vermelho ficara preso numa aresta do arco de ossos. Arrancou-o da esquina aguçada, percebeu que estava molhado e largou-o, só para o ver a desaparecer por entre as árvores. Nos dedos, sentiu um líquido que presumiu ser sangue.

Talvez fosse da mãe da criança, devorada pela floresta.

Vozes masculinas surgiam então da orla distante das árvores à sua frente e a velha mulher diminuiu a luz da lanterna, apressando-se a esconder-se atrás de uns arbustos. Ficou a olhar à medida que um homem

mais velho se aproximava — um caçador, a avaliar pelo arco que trazia às costas, os tons terrosos das roupas e as armadilhas à cintura. Ao seu lado, caminhava um rapazinho de não mais de 12 anos, com o mesmo tipo de vestimenta. Ambos se encaminharam para o bebé e, quando viram o cesto e a criança, o mais velho franziu o sobrolho.

— Por Deus, é um bebé? — O rapaz baixou-se ao lado do cesto e o velho caçador puxou-o bruscamente pelo ombro.

— Não te aproximes.

— Mas é só um bebé, pai. É tão pequenino, como a Margaret.

O pai do rapaz assentiu em direção à criança.

— Olha para os seus olhos. É uma aberração. — Olhou em redor, com a palma da mão a postos sobre o punho da faca que trazia à cintura. — Os corvos são atraídos pelo que é malévolos. Quem deixou esta criança aqui fê-lo com intenção. E nós faremos o mesmo.

— Mas os animais vão encontrá-la, não vão, pai? Os corvos não lhe vão comer os olhos?

— Até são capazes de fazer bem pior, mas é a vontade do Deus Vermelho, rapaz. Deixa a criança onde está.

— Mas vai morrer de frio! — argumentou o rapaz.

— Deixa-a! Agora vai, acaba de montar as armadilhas. — O caçador entregou-as ao filho, olhando com desconforto para as árvores sinistras que se erguiam nas suas costas. — Esconde-as nos arbustos.

Montar armadilhas perto da Floresta Devoradora era contra a lei e as regras da paróquia, já que se considerava que os animais que cirandavam ali perto estavam infestados de mal. Infelizmente, à medida que o inverno se alongava, a comida tornava-se cada vez mais escassa, forçando os caçadores a aventurarem-se para lá dos locais usuais. Caso alguém fosse apanhado a cometer semelhante crime, o castigo era o banimento para a Floresta Devoradora, pois julgava-se que qualquer pessoa que consumisse carne ali encontrada já teria o mal no estômago.

— Vou montar algumas ali mais em baixo e depois damos o dia por encerrado. Quando acabares, vem ter comigo.

— Sim, pai — respondeu o rapaz solenemente.

— Fica longe do arco e não te atrevas a tocar na criança. Entendido?

O rapaz baixou a cabeça e assentiu.

Depois disto, o pai afastou-se um pouco mais para baixo ao longo da orla das árvores, e o rapaz dedicou-se a montar as armadilhas perto dos

arbustos, como fora instruído. Quando acabou, aproximou-se do bebé e enxotou o corvo, que grasnou e bateu as asas, enfrentando-o.

— Desaparece, sua besta maléfica! — Com um pau comprido, afugentou o pássaro e olhou para a criança. — O pai diz para te deixar aqui. Mas talvez seja mais misericordioso... — Pegou na faca que trazia à cintura, a ponta brilhante e aguçada. — És um monstro feio, com esses olhos brilhantes. Talvez seja melhor arrancar-tos do crânio.

A Bruxa Velha saiu do seu esconderijo e caminhou em direção ao rapaz com passos leves, sem fazer um ruído que fosse, até estar mesmo atrás dele. Tão perto que sentiu os cabelos despenteados do catraio a fazerem-lhe cócegas no nariz. Ele pegou na faca, como se quisesse atacar o bebé, e a velha agarrou-lhe no pulso por trás.

Com um arquejo, o rapaz voltou-se e soltou um pequeno grito que lhe morreu na garganta.

Ainda a agarrar-lhe no pulso, a Bruxa Velha tapou-lhe a boca com a outra mão e olhou para ele com severidade.

— Ias arrancar os olhos a um bebé inocente, é isso? — Tirou a mão da boca do rapaz e franziu a testa.

— Eu... não era a minha intenção. Juro.

— Mas é a tua intenção deixar que a Floresta Devoradora leve esta criança?

— O meu pai disse... que era a vontade do Deus Vermelho.

A velha apertou-lhe ainda mais o pulso, as unhas compridas e pontiagudas a enterraram-se-lhe na carne.

— A vontade do teu deus será a tua morte, rapaz, porque um dia, o banido serás tu. *Maledicio tej'per nomed vetusza deosium*. — Amaldiçoou-te em nome dos deuses antigos.

O som crepitante da pele a arder trouxe-lhe um sorriso aos lábios, à medida que via a marca dos deuses a queimar a pele do rapaz — cinco estrelas e uma lua. Os seus olhos tornaram-se brancos leitosos, enquanto a maldição lançada pela bruxa se entranhava no seu coração.

— Deusa da Morte — sussurrou ela com a voz rouca. — Vais morrer em honra da deusa. É esse o teu destino.

— Deus... é... morte.

A Bruxa Velha suspirou.

— Estás quase lá. — Assim que soltou o rapaz, os seus olhos regressaram ao estado normal.

A tremer, ele soltou um suspiro soluçante e levantou a mão marcada antes de deixar escapar um gemido.

— O que significa isto?

— A seu tempo saberás. Agora, apressa-te, o teu pai está à tua espera.

Enquanto recuava, a respiração superficial do rapaz saiu-lhe dos lábios em pequenas nuvens de vapor branco. Virou-se sobre os calcanhares, tropeçando nos próprios pés, e saiu disparado em direção ao pai.

A Bruxa Velha resfolegou, vendo-o desaparecer na escuridão, depois virou-se para a criança, que se encontrava novamente rodeada pelos corvos.

— Tão pequenina e já a causar tantos problemas. — Levou a mão ao interior do manto e tirou uma pequena caixa de madeira que guardava junto ao coração há quase um milénio. Abriu-a para retirar um fruto de roseira minúsculo e preto do seu interior. Quando o maior corvo do bando voou na sua direção, estendeu o braço e permitiu que a criatura ali pousasse. Aproximou o fruto da roseira do bico do corvo e este voltou ao chão, pousando-o sobre o peito da criança.

Um suave brilho alaranjado indicava que o calor que o fruto libertava alcançava a pele do bebé, aquecendo-o até aos ossos minúsculos. A pele do fruto rasgou-se e dali cresceu um espinho e um caule que se alongou na perfeição até formar uma rosa preta sobre o peito da criança.

A forma da rosa não vacilou, nem mesmo quando os dedos pequeninos do bebé tocaram nas pétalas.

— Agora pertences-lhe. Que os deuses sejam misericordiosos. — Os olhos da Bruxa Velha pousaram no corvo que continuava ao lado do cesto, enquanto os restantes formavam uma guarda de honra em seu redor. — Aguardo com ansiedade o dia do regresso do teu corvugão. Que a deusa te abençoe. — Quando fez uma vénia com a cabeça, o corvo inclinou a cabeça para o lado, como se interiorizasse as suas palavras.

Virou-se para regressar a casa, mas quando um dos corvos grasnou, a Bruxa Velha hesitou. Ignorando-o, continuou a andar e a resmungar para consigo:

— Pássaro amaldiçoado.

O corvo voou para a frente da velha, batendo as asas para a afrontar.

— Desaparece! Já cumpri a minha promessa! Está feito! — Quando tentou contornar a criatura, esta voou mesmo na direção da sua cabeça e bicou o cabelo prateado da Bruxa Velha. — Basta! Deixa-me em paz!

— Enxotou-o com movimentos frenéticos das mãos, mas o pássaro recusava-se a deixá-la. — Muito bem! Muito bem! Vou encontrar-lhe abrigo!

A ave voltou a pousar no chão ao lado do cesto.

A Bruxa Velha rosnou-lhe.

— És uma criatura demoníaca. — Com um suspiro, encaminhou-se novamente para a criança. — Vou certificar-me de que a bebé tem um sítio onde ficar, mas não será comigo. Não quero ter nada que ver com uma criança abandonada. — A resmungar, pegou no cesto e caminhou em direção à casa ao fundo da estrada, que pertencia ao velho produtor de vinhos da vila, Godfrey Bronwick. Era um homem velho e bondoso, com uma neta não muito mais velha do que a criança do cesto. As duas podiam crescer juntas, como irmãs.

O cesto antigo estalou enquanto a Bruxa Velha subia as escadas do alpendre da casa de campo e o pousava na soleira da porta. Um arrulhar suave chamou a sua atenção para a bebé no cesto, cujos olhos cintilavam como os de um animal — de certa forma, assustadores. A velha mulher suspirou e passou uma unha sobre o próprio polegar, fazendo sair um fino fio de sangue.

— *Argenticulos tej cinere, sole fractir'per mortiz.* — *Olhos de prata para cinza, a maldição que só a morte pode quebrar.* Espalhou o sangue sobre os lábios da criança e sentiu-a a sugar na almofada do dedo. As pálpebras da bebé fecharam-se e, quando as reabriu, os olhos prateados eram agora cinzentos baços. — Muito melhor. — A velha mulher inclinou a cabeça para o lado e passou o dedo pela bochecha morna da criança. — Que possas cumprir o teu destino, pequenina.

E com isto, bateu à porta antes de desaparecer a coxear pela noite escura.

Capítulo 1

Maevyth



Nunca senti vontade de ressuscitar alguém só para depois voltar a matá-lo, mas se a Bruxa Velha estivesse por perto, que se lixassem os remorsos, era menina para a matar duas vezes.

— Zevander, por favor! — Precipitei-me em direção ao buraco no chão onde se encontrava a minha irmã, enquanto me debatia contra o braço musculado que me segurava pela cintura. — Larga-me! — gritei, agarrada às tábuas do soalho. — Preciso de ver se está viva!

O Zevander puxou-me com pouquíssimo esforço, com as minhas costas pressionadas contra o peito, mas continuei a contorcer-me para me libertar.

— Se não me largares imediatamente, mordo-te o braço até o arrancar! — Apertou-me ainda mais, provocando mais um arrepio de raiva. Cravei os dentes no braço dele e cerrei-os, sentindo os músculos tensos enquanto soltava um grunhido.

— *Pelo sangue de Deus*, mulher! Tens de esperar um pouco. Ela pode estar infetada.

Sim, a Aleysia podia estar infetada. O lado racional do meu cérebro despertou com o alerta e parei de lutar, soltei o braço do Zevander, deixando na pele um rasto de saliva. Cedi à sua lógica e respirei em breves arquejos, cansada. Por muito terrível que fosse a ideia, ele tinha razão. Não fazia ideia em que condições estava a minha irmã. Podia até estar morta.

Inspirei profundamente para acalmar o bater descontrolado do coração e o Zevander afrouxou a força com que me segurava.

— Deixa-me ir eu.

Assenti com relutância, mas quando ele se pôs à minha frente, agarrei-lhe no braço.

— Zevander... por favor... se ela estiver infetada... — As palavras ficaram-me entaladas na garganta.

— Serei gentil — prometeu, pressentindo evidentemente a minha ansiedade.

Assentindo novamente, soltei-lhe o braço e pus-me de joelhos, à medida que ele descia para o pequeno espaço por baixo do soalho. As poucas prateleiras e frascos que conseguia ver empilhados por ali fizeram-me perceber que devia ser usado como despensa. Apesar de o Zevander ter de andar com a cabeça baixa, estimei que o espaço fosse alto o suficiente para eu poder estar de pé.

Um frio súbito deixou-me os músculos tensos e estremeci ao pensar na Aleysia ali fechada. Era demasiado frio para alguém poder sobreviver durante muito tempo.

Se Deus existia verdadeiramente, eu rezava para que não fosse cruel ao ponto de me trazer até ao cadáver da minha irmã.

Com movimentos lentos e cuidadosos, o Zevander pegou na Aleysia ao colo e o meu coração bateu mais depressa ao ver a forma inerte como o seu corpo ficou caído sobre os braços gigantesco, tão pequena e frágil comparada com o vulto poderoso. A ansiedade inundava-me enquanto esfregava as mãos uma na outra.

Por favor, que esteja viva. Por favor, permite que esteja viva.

Ele pousou-a suavemente no chão de tábuas e, sustendo a respiração, aproximei-me dela. Hesitei tocar-lhe, sentindo as mãos trémulas. Durante semanas, esperei poder voltar a vê-la, agora, porém, o medo de que tivesse morrido abateu-se sobre mim com violência e as lágrimas inundaram-me os olhos à medida que via o seu corpo tão frágil.

Não parecia estar infetada. O seu rosto não aparentava ter deformações estranhas, não havia pernas de aranha a sair de nenhuma parte de si. Parecia apenas a Aleysia que sempre conheci, mas adormecida. Estava mais magra e pálida, sim, mas pelo menos continuava a ser humana.

Aproximando-me ainda mais, encostei o ouvido ao seu peito. O som do bater do coração, lento mas estável, fez surgir mais lágrimas nos meus olhos. Para ter a certeza de que vivia, encostei os dedos à veia do seu pescoço, hesitando ao ver as pontas dos dedos negras — os mesmos que tiraram a vida à Elowen.

— Eu... Podias... — Quase não consegui verbalizar a minha intenção, tão grande era a emoção que me fazia tremer a voz, mas o Zevander entendeu e pressionou os dedos sobre a garganta da minha irmã.

— Tem pulsação.

Expirei, trémula, e no meio do meu alívio, abanei a cabeça.

— Não acredito que esteja infetada. Não pode estar. As runas na porta afastaram a pestilência. Certamente produzem o mesmo efeito na Aleysia.

— Parece que sim, a não ser que tenha conseguido entrar de outra forma.

Quando a virei para mim, a cor da sua pele confundia-se com a da palma da minha mão. Com cuidado para não lhe tocar com os dedos, ao ver o rosto branco como a cal senti um puxão no coração.

— Aleysia. Aleysia, acorda. Por favor, tens de acordar. — O beijo leve que lhe dei na testa não suscitou nem o mais breve tremor. — Por favor, irmã. — Pequenas nuvens brancas atingiam-me o rosto e passei as mãos pelos seus braços, sobressaltada ao senti-la sobrenaturalmente gelada. — Ela está tão fria. Temos de a aquecer de imediato.

O Zevander ajoelhou-se ao meu lado e ergueu a palma da mão, onde um glifo brilhava suavemente.

— Malditos os deuses. — Cerrou o punho e voltou a abri-lo, segurando a mão por cima da minha irmã. Resmungou e esfregou as mãos.

— O que foi? O que se passa?

— Não estou a conseguir invocar o calor da chama.

— De todo?

— Preferia não testar se a chama propriamente dita pode ser invocada.

— Voltou a fletir o punho e a abrir a mão, mas abanou a cabeça.

Apesar de curiosa para saber por que razão ele não conseguia invocar o seu poder, estava mais preocupada com a Aleysia.

— Temos de a aquecer de outra maneira qualquer.

Deslizando cuidadosamente as mãos por baixo do corpo adormecido da minha irmã, o Zevander levantou-a e deitou-a na cama da Bruxa Velha, no lado oposto da casinha. Assim que a pousou no colchão fino, reuni os cobertores e mantas que por ali havia e pu-los por cima dela, mas quando me preparei para me deitar ao lado da Aleysia, o Zevander segurou-me no braço.

— Isso não é sensato.

Franzi o sobrolho e libertei-me da sua mão.

— Sensato ou não, os mortais morrem se os corpos ficarem demasiado frios.

Como se aceitasse que perdera aquela discussão mesmo antes de começar, soltou um grunhido grave.

— Ela ainda pode ser perigosa, Maevyth — comentou. — E quero que saibas que, se tentar fazer-te mal, seja de que forma for, não hesitarei em...

— Se a minha própria irmã tentar fazer-me mal, eu própria lido com ela — respondi, mais brusca do que era minha intenção. — Também já tirei vida com as minhas mãos.

Ele produziu mais um som desagradado.

— Percebo a tua preocupação, não sou tonta — acrescentei, com uma voz mais calma. — Mas é a minha irmã, Zevander. Por isso... não ponde-res já matá-la.

Não precisava de entrar na cabeça dele para saber que, naquele momento, o pensamento se dirigiu à irmã, Rykaia, porque o conflito que se instalou no seu olhar falou por si. Ainda assim, manteve a mão fechada num punho firme, recordando-me de que, se a Aleysia tentasse atacar-me, havia pouco que pudesse fazer para a defender dele.

Aninhando-me o mais que pude, mantive as minhas mãos cerradas também, para evitar que as pontas dos dedos lhe tocassem, para não lhe roubarem a vida, e pus o braço sobre o seu estômago, à espera do mais débil sinal de movimento.

Se não tivesse ouvido o coração da Aleysia a bater, certamente acreditaria que estava morta.

Os segundos transformaram-se em minutos e o seu estado permanecia inalterado. À exceção do suave movimento do peito que subia e descia, nem um sinal de vida. Os pensamentos corriam-me velozes pela cabeça, enquanto tentava encontrar uma explicação, uma possibilidade, mas nada fazia sentido. Recordei a visão que tinha tido, quando o Dolion usou o espelho de adivinhação e eu vi a Aleysia deitada, quente e em segurança.

Teria a visão algum fundo de verdade? Teria a minha irmã sido feita prisioneira pela Bruxa Velha durante este tempo todo? Porquê? Não conseguia imaginar o que a velha mulher podia querer da Aleysia.

O Zevander continuava de pé, encostado à estrutura da cama. A observar, à espera, sem nunca desviar os olhos de nós.

— Não consigo encontrar sentido nenhum nisto. Como pode a Bruxa Velha ter sido tão cruel?

— Ela pode ter tido os seus motivos. — A sua voz era mais suave do que antes, mas mesmo assim detetei uma centelha de tensão. — Ou então, não. Já conheci muita gente cruel sem motivo nenhum.

Pensei mais uma vez nas cicatrizes que vira no seu corpo e, apesar de querer aprofundar o significado daquele comentário, naquele momento estava demasiado distraída emocionalmente para conseguir ter uma conversa tão séria.

— Há pouco, quando não conseguiste invocar a tua magia...

— Creio que, de momento, tens coisas mais importantes com que te preocupar.

— Quero apenas assegurar que esta também é importante, tendo em conta que os homens têm tendência para não falar das coisas.

Os seus lábios formaram um sorriso relutante.

— Eu sei que é importante, asseguro-te. Sucede que, desde que aqui cheguei, não tomo vivicantem e a privação está a ter algum efeito sobre o meu corpo.

— Não tens nenhum contigo?

— Tenho muito pouco, misturado com alguns estimulantes que roubei ao teu amigo durante a Cerimónia da Transformação.

Anatolis. O escriba que reconheci e que o Zevander interrogou, acabando por matar.

— Dadas as circunstâncias, não seria aconselhável consumir estimulantes — declarou.

— O que acontece se ficares inteiramente privado de vivicantem?

Uma expressão grave toldou-lhe os olhos.

— Não vale a pena preocuparmo-nos com isso agora. Como disse, há coisas mais importantes.

— O problema é que, com o tempo, esta pode tornar-se ainda mais preocupante. Promete-me que, se piorar, me contas.

— Claro.

— E, pelos deuses, se me esconderes o que sentes para me *poupar*, juro que... — Um movimento suave contra o meu braço, deliberado e ritmado, provocou-me uma onda de arrepios frios sobre a pele. Olhei atentamente para a Aleysia, que continuava a dormir, já sem movimentos evidentes, como se nem sequer se tivesse mexido.

— O que foi?

— Ela mexeu-se. Senti-o no meu braço. O dedo dela tocou-me.

— Tens a certeza?

— Sim... tenho quase a certeza. — Tinha?

— Talvez tenha sido só um reflexo.

— Talvez. Mas pareceu-me intencional.

Uma batida forte atingiu a parede, projetando pó para o meu rosto, e o Zevander saiu da divisão com a mão sobre o punhal. Instantes depois, regressou com uma expressão de preocupação no rosto.

— Há bastantes infetados lá fora. Vou vigiá-los a partir da janela. — A expressão incerta do seu olhar disse-me que o apoquentava deixar-me ali sozinha. — Mas se ela acordar...

— Eu fico bem.

Assentiu brevemente.

— Se precisares de mim, estou aqui. — Quando se virou para sair, a luz incidiu no seu rosto, fazendo parecer que as veias finas que saíam da cicatriz fossem mais escuras, se tal coisa fosse possível. E, a não ser que estivesse enganada, a própria cicatriz parecia maior.

Talvez fosse uma ilusão provocada pela luz.

Voltei-me para a Aleysia e enterrei o rosto na curva do seu pescoço.

— Por favor, acorda. Se acordares, prometo levar-te para longe deste lugar.

Envoltas num entardecer cinzento, as árvores erguiam-se silenciosamente, as formas esqueléticas retorcidas e nodosas, cobertas pelo manto de neblina branca. Enquanto caminhava cuidadosamente por entre a vegetação desconhecida, o odor a morte e podridão agarrava-se à minha garganta, como se tivesse acabado de escavar um túmulo. Criaturas pequenas, pretas, semelhantes a insetos, rastejavam sobre a terra, as suas patas irritantes a picarem-me as pernas. A sensação de que alguém me seguia provocou-me um arrepio na nuca, embora não conseguisse perceber quem era ou o quê.

Continuei pelo caminho bravio, que me levou cada vez mais para o interior das árvores, até que uma única árvore se erguia ao longe — tão imponente que julguei servir um propósito sinistro na floresta. Ao aproximar-me, observei os seus ramos, franzi o sobrolho ao perceber que se assemelhavam a braços e pernas humanos. Ao passar por um aglomerado de raízes protuberantes, vi o rosto de uma criança esculpido na casca, as mãos pequenas erguidas para cima, como se tentasse alcançar quem não a podia salvar. Os detalhes eram tão realistas que me lembrei dela de um sonho distante. De um homem de armadura a atirá-la para o fundo de um penhasco.

Este devia ter sido o seu destino.

Olhei em redor para ver mais rostos e mãos erguidas, as expressões angustiadadas e doridas, como se algo as engolisse por baixo.

Aproximando-me, encaminhei-me para a árvore sinistra e cravado na sua casca estava o rosto de uma mulher, também ele contorcido numa expressão de dor. Estendi o braço para lhe tocar e os olhos abriram-se subitamente, mostrando órbitas negras.

— *Sole mortiz facje salvirun* — *arquejou ela.* Só a morte nos pode salvar.

O terror enroscou-se na minha espinha, o coração bateu com tanta força que me doía o peito. Pousei a mão ali, sentindo os batimentos contra a palma.

«*Sole mortiz facje salvirun.*»

Recuei alguns passos e vi um brilho avermelhado por entre o tronco. Um pulsar na sua superfície que batia ao ritmo do meu próprio coração.

«*Sole mortiz facje salvirun.*»

O meu pé prendeu-se numa das raízes que se enroscara ao tornozelo e tropecei para trás, caindo desamparada no solo. A raiz enroscou-se ao outro tornozelo, depois rastejou pelas pernas acima e uma onda de pânico abateu-se sobre mim. Bater na raiz grossa e violenta não a fez recuar.

— *Larga-me! Larga-me!* — *A raiz subia cada vez mais, uma em cada perna, sobre a coxa e à volta da barriga, serpenteando até às minhas costas. Cravei as unhas para a afastar, mas não passei da superfície áspera. — Não! Larguem-me!*

Tentáculos da raiz enroscaram-se ao meu pescoço e a histeria tomou conta da respiração que se comprimia cada vez mais na garganta.

Mais apertada.

Mais apertada.

Abri a boca para gritar, mas o som que produzi não foi mais do que um arquejo rouco.

Por favor!

Os meus olhos abriram-se e vi duas orbes negras a fitar-me. Eram olhos pretos, sem alma, emoldurados pelos longos caracóis dourados que outrora pertenceram à minha irmã.

Os seus lábios moviam-se rapidamente e formavam palavras que eu não entendia a um ritmo frenético. A pressão na minha garganta deixou-me com os olhos marejados e tossi levemente. Os pulmões ardiam-me na sua busca desesperada por ar e as lágrimas toldaram-me a vista quando ergui as pontas dos dedos negras que a transformariam em pó mal lhes desse o meu comando.

Por favor, não me obrigues a fazer isto. Por favor, Aleysia. Não me obrigues a fazer isto!

— *Mata-a, Maevyth* — incentivou a voz que reconheci como sendo a da Morsana. — *Mata-a imediatamente!*

O mundo desvaneceu-se até ficar do tamanho de uma cabeça de alfinete.

E a seguir, tudo era escuridão.

Capítulo 2

Zevander



Passado...

O pai de Zevander coxeava rapidamente alguns passos à sua frente, a serpentear por entre a multidão do mercado apinhado. Para um velhote com uma canela lascada, o Rydainn sénior desenrascava-se bastante bem com a ajuda da sua muleta. A máscara que escondia a parte de baixo do rosto do jovem Zevander fazia-lhe comichão na pele, mas o pai insistia que a usasse nos locais públicos, para evitar que as pessoas o fitassem e formassem desconfianças.

Pouco depois, chegavam à Taberna Sal Negro, um estabelecimento sossegado nos arredores de Costelwick. Lorde Rydainn empurrou a pesada porta de madeira de carvalho, que gemeu enquanto se abria para a taberna acanhada e mal iluminada, onde pouco mais de uma dúzia de homens se sentavam à volta das mesas. Tendo acompanhado frequentemente a mãe e a irmã nas suas visitas a Costelwick, tornara-se natural para o rapaz observar atentamente o espaço que o rodeava.

Uma vez no interior, o pai parou por instantes antes de olhar para um vulto obscuro sentado ao fundo da sala, ao abrigo das sombras. Coxeou em direção a ele, com Zevander no seu encalço, e parou ao chegar à mesa.

A figura, cujo rosto se encontrava escondido por baixo de um capuz gigantesco e puído, não se deu ao trabalho de levantar a cabeça.

— Mentiste-me — declarou Lorde Rydainn com a voz rouca, sinal de fúria contida. — Já viajo à procura dele há duas semanas, mas só encontrei mais vítimas. Em que tipo de demanda me enviaste?

A figura estranha não se dignou a responder, não desviou os olhos da caneca à sua frente, não deu sinais de reconhecer de todo a presença do pai de Zevander.

Lorde Rydainn bateu com o punho sobre a mesa, entornando a bebida da criatura que, ainda assim, nem sequer estremeceu.

— Quero uma resposta! O meu filho piora a cada dia que passa!

Com um puxão violento no colarinho de Zevander, o Rydainn mais velho empurrou-o para junto da mesa, enquanto se sentava no banco corrido à frente do vulto. Apesar de estar sentada mesmo à sua frente, Zevander não lhe conseguia ver o rosto oculto nas profundezas do capuz.

— Estás a zombar de mim. E quero o meu dinheiro de volta — continuou o pai do rapaz, ao seu lado.

— Não. — Uma voz tão rouca como aquela podia apenas pertencer a uma mulher muito mais velha do que o pai de Zevander.

— Nesse caso, vais dizer-me onde posso encontrar o Cadavros. Preciso de o encontrar antes dos homens do rei. Eles vão matá-lo pelos crimes que cometeu. Diz-me, ou arrasto-te para minha casa e dou-te de comer ao meu filho e às suas aranhas.

A desconhecida riu-se.

— Eu revelei-te uma visão. Foste tu quem não a conseguiu seguir.

— Sabes quem sou? Quem é a minha mulher? Uma palavra nossa ao rei e serás...

— Se tivessem assim tanto poder, não estaríamos a ter esta conversa. Pois não, Lorde Rydainn? O teu rei abandonou-te. Se assim não fosse, e esta hora estarias em casa, a aproveitar a noite do solstício com a tua adorável mulher. — A caneca desapareceu nas profundezas do capuz, à medida que bebia um gole. — Não podes recorrer ao teu rei. Não quando foste tu quem o traiu.

— Imploro-te. Ajuda-me. Revela-me outra visão.

— E se o encontrares? O que acontece então? O que o forçarias a fazer?

— Olha para ele! — Lorde Rydainn arrancou a máscara do rosto de Zevander. — Vê como já começou a alastrar!

O capuz ergueu-se apenas o suficiente para Zevander ver um olho verde-pálido que quase refulgia nas profundezas negras do tecido.

— A maldição está a piorar — afirmou o pai, com os dentes cerrados.

— Não foi o fogo sable que roubou as feições bonitas do teu filho.

— Então o que foi? Se sabes, diz-me!

Pelo canto do olho, Zevander viu dois homens a aproximarem-se da mesa. Atendendo à armadura polida e às armas que traziam, eram da Guarda Imperial. Puxou a túnica do pai, mas este enxotou-o.

— Tens noção de que ele tentou consumir o meu filho quando este era bebé? Tentou engoli-lo inteiro!

Se os guardas não se estivessem a aproximar tão claramente, as palavras do Rydainn mais velho teriam provocado uma onda de choque a Zevander — já ouvira várias vezes a história de como fora atirado para o veio, mas nunca lhe contaram aquela parte. Os músculos do rapaz ficaram tensos quando o pai não prestou atenção aos recém-chegados até estes estarem mesmo ao seu lado e o filho lhe puxar mais uma vez a túnica.

— Lorde Rydainn de Eidolon — anunciou um dos guardas, e as vozes na taberna cessaram, todos os olhos se virando para a mesa onde estavam.

O pai olhou para o guarda de cima a baixo.

— O que significa isto?

Um puxão violento no ombro de Zevander tirou-o do banco e atirou-o ao chão, onde os joelhos embateram na madeira apodrecida do soalho. Mãos brutas levantaram-no e o miúdo contorceu-se para se libertar do homem que o mantinha cativo.

— Basta! Isto é um ultraje! Sou um antigo capitão da Guarda e exijo uma explicação! — O pai debateu-se para sair do banco corrido antes de se erguer ao lado da mesa, onde o outro guarda o agarrou.

— Está detido por ordem do rei. — O homem voltou a sua atenção para a mulher do capuz. — É este o rapaz?

— É.

— Também está detido.

— O meu filho não. — As mãos mutiladas e engelhadas de Lorde Rydainn pousaram na mesa. — O rapaz fica comigo.

— O *rei* decidiu prendê-lo também.

— Não! — A mulher do manto gritou e levantou-se, o capuz caiu para trás e expôs as deformações mais grotescas que Zevander alguma vez vira. Era como se tivesse sido arrancada dos pesadelos mais aterrorizantes. Cicatrizes profundas, muito piores do que as suas, atravessavam-lhe o rosto, arruinando-lhe os lábios. O olho que não conseguira ver no fundo do capuz era uma orbe de obsidiana, como se lhe tivessem injetado tinta preta. — O rapaz é meu! Vocês juraram que o deixavam comigo!

— Vai reclamar com o rei. — E com estas palavras, os homens arrastaram Zevander e o pai para longe da mulher e da taberna.



Capítulo 3

Maevyth

Presente...

Ao sentir uma mão na garganta, levantei-me com um arquejo e virei-me para olhar para a Aleysia, que ainda dormia como se não tivesse mexido um músculo.

Um sonho? Teria sido apenas um sonho terrível?

A respiração saía em breves soluços do meu peito, o pensamento inundado por recordações incoerentes.

— *Mata-a.* — As palavras enroscavam-se à minha volta como cobras rastejantes, formando uma silhueta sinuosa na minha cabeça. Morsana.

Abanei a cabeça e fechei os olhos com força.

— *Mata-a enquanto dorme. Será mais fácil.*

Olhei em redor do quarto, à sua procura, passei os olhos pelas mesmas paredes de argamassa, com a mesma humidade, e senti o fedor da terra entranhar-se no nariz. Ao meu lado, a Aleysia continuava mergulhada no seu sono ausente. Tão pacífica. Tão inocente.

— Não, não a vou matar.

— *A podridão está dentro dela. A única cura é a morte.*

— Não lhe vais tocar, estás a ouvir? — Não sabia se aquele comando era para mim ou para ela.

A voz não respondeu.

Esperei, observando as sombras, interrogando-me se, de alguma forma, a Deusa da Morte conseguira alcançar este mundo, fora do seu estado de Caligorya. A voz continuou em silêncio e, ainda a respirar com dificuldade, passei a mão trémula pela testa, antes de afastar os cobertores para trás e correr até à porta. Precisava de me distanciar fisicamente daquele maldito pesadelo.

Na divisão do lado, o Zevander estava sentado numa cadeira em frente à janela, com as botas apoiadas no parapeito. Quando se virou e me viu, baixou as sobranceiras.

— Está tudo bem?

— Um pesadelo. — Olhei de relance para o quarto onde a Aleysia dormia e novamente para ele. — Ela não se mexeu, de todo, enquanto dormia?

— Que eu tivesse ouvido, não. — O seu olhar pousou nas minhas mãos cruzadas em frente ao corpo, como se conseguisse sentir as vibrações dos meus tremores, e endireitou-se na cadeira, chegando-se para a frente. — De certeza que está tudo bem?

Não obstante o bater pesado do coração, assenti.

Ele fitou-me durante mais algum tempo e a seguir virou-se para a janela, para lá da qual a lua brilhava alta.

— Deve ter sido um pesadelo e tanto.

— Foi horrível. — Ainda com a garganta a latejar, fui até à mesa, onde estava um jarro com água e um copo, e servi-me. O fogo na lareira aqueceu um pouco o frio incessante que me gelava os ossos. — Já alguma vez... — fiz uma pausa, porque queria perguntar-lhe, a um homem treinado para matar, se alguma vez ouvira uma voz a dizer-lhe para tirar a vida de alguém. Se a sua consciência já o abandonara por um instante e lhe exigira que fizesse alguma coisa atroz. No entanto, libertar aquela pergunta para o universo parecia-me uma confissão descarada. — Já viste muitas? — perguntei, em vez disso. — Das criaturas ali fora?

— Elas vão e vêm. Parecem suficientemente inteligentes para saberem que estamos aqui dentro, mas não tentaram arrombar a porta. Tenho a sensação de que são criaturas que caçam à noite.

As suas palavras provocaram-me um arrepio na espinha. A ideia daquelas criaturas a consumir carne era uma visão retirada dos meus pesadelos mais sombrios.

— Rezo para que a minha irmã acorde de manhã, para podermos sair deste lugar.

— Maevyth... — O Zevander virou-se na cadeira, com uma expressão tensa e, se não estava enganada, sombria.

— O que foi?

No instante em que abanou a cabeça, percebi que o que dissesse a seguir seria mentira.

— Nada.

— Não acredito em ti nem por um segundo, por isso, diz-me. — Consegui perceber uma asneira e a palavra *idiota* no murmúrio que soltou. — Diz-me.

— A Aleysia não vai poder atravessar o Umbravale. Nenhum mortal consegue atravessar para Aethyria. — O tom aguçado das suas palavras despedaçou qualquer interpretação errada que pudesse fazer delas, que interiorizei em silêncio. Apesar do brilho lamentoso que ardia nos seus olhos, as palavras eram como veneno e gelaram-me o sangue.

— O quê? — perguntei incrédula, sem, na verdade, esperar uma resposta. Afinal, o Zevander não era homem para falinhas mansas. — Sabia que ela não conseguiria atravessar sozinha, mas nem comigo? Ou contigo?

— Um mortal não pode atravessar para Aethyria de todo. O Umbravale não permite a sua passagem. — A voz continuava firme, de certa forma desligada do remorso evidente que sentia enquanto passava a mão sobre o rosto.

— Não pode ser. — Cambaleei para trás e caí numa cadeira. — Mas eu... também sou mortal.

— Tens sangue aethyrian.

Abri a boca para argumentar, mas não consegui encontrar as palavras. Nenhum argumento alteraria aquela grave realidade.

— Então, como vamos...? Não podemos ficar *aqui*. A nossa casa, a vila, está tudo *destruído*. — A minha voz quebrou ao recordar a casa do avô Bronwick, devastada pelo fogo.

— Passei a noite toda a pensar nisso. — Virou-se novamente para a janela.

— Não há outra solução?

— Se ela tivesse uma ligação de sangue, talvez. Porque se faria uma partilha de sangue. — Com um suspiro, olhou para mim de forma pesada. — Mas desconfio que não vamos deparar com muitos aethyrians por estas bandas. E mesmo que encontrássemos, o risco é demasiado elevado. Se não funcionasse, ela cairia desamparada no precipício. Só os verdadeiros aethyrians de sangue e intenção têm autorização para atravessar a passagem.

Verdadeiros de sangue e intenção?

— O que significa isso?

— Uma partilha de sangue não faria da Aleysia uma verdadeira aethyrian. E se o seu sangue estiver infetado com alguma coisa, ela seria rejeitada. Nada que possa constituir uma ameaça tem permissão para atravessar.

Expirei com desespero e tapei o rosto com as mãos, sentindo um pulsar violento a fustigar-me a cabeça.

— Não a posso deixar aqui sozinha. — Cerrei o maxilar e pestanejei com força para afastar as lágrimas. — Não com estas coisas à porta. Por outro lado, a mera ideia de ficar aqui aterroriza-me. — Com o alívio de a ter encontrado, não me ocorreu que a minha irmã não podia atravessar connosco, não imaginei que houvesse uma possibilidade em que fosse forçada a ficar nas terras mortais.

— Não penses nisso agora. — Levantou-se e pegou no cobertor pousado sobre a cadeira da Elowen antes de atravessar a sala. Pô-lo sobre os meus ombros, baixou um joelho no chão e inclinou a cabeça para me olhar nos olhos. — Vou rachar um pouco de lenha e temos comida suficiente para mais alguns dias. Se acabar, posso ir caçar.

Virei-me para as chamas, com a esperança de que ele não visse os pensamentos indizíveis escondidos atrás dos meus olhos. O alívio avassalador de o ouvir dizer que ficava comigo e não me deixaria ali sozinha com a Aleysia e aqueles monstros horríveis.

— Não te posso pedir que faças isto, Zevander. Não posso pedir-te para ficares, quando tens a tua família...

Uma mão forte agarrou o meu queixo num gesto surpreendente e olhei para cima para o ver a pairar sobre mim, de sobrolho erguido.

— Não me estás a pedir nada. Agora, descansa um pouco. Não vou permitir que penses mais nisto esta noite. Na verdade, já me amaldiçoei por te ter contado, mas temo que acabasses por descobrir mais tarde, e seria pior.

— Isso partindo do princípio de que ela acorda. — O desânimo das minhas palavras ficou-me entalado na garganta.

— Ela vai acordar. Não te preocupes.

Teria perguntado o que propunha fazer caso a minha irmã não acordasse, mas temia a sua honestidade brutal tanto quanto ansiava por a ouvir.

Outro olhar em direção ao quarto trouxe à minha cabeça a imagem da Aleysia em cima de mim, com os aterrorizadores olhos negros e a falar em línguas desconhecidas.

— Acho que vou dormir aqui, se não te importares.

— Claro. — Encaminhou-se para a lareira e atijou as chamas, mas o fogo não conseguiu aquecer o frio que se espalhava sob a minha pele.

Puxando o cobertor à volta do corpo, instalei-me no chão, sem reparar que o Zevander foi ao quarto e regressou com uma almofada, que pôs debaixo da minha cabeça.

— Obrigada.

Com o maxilar cerrado, assentiu brevemente e levantou-se, mas agarrei-lhe no braço.

— Deitas-te comigo um bocadinho? Só até eu adormecer?

Um sorriso breve curvou os seus lábios e o corpo volumoso deixou-se cair atrás de mim, como uma montanha que se erguia nas minhas costas.

— Se ao menos as coisas que me pedes não fossem tão difíceis — disse, pousando uma mão na minha barriga.

Virei-me de frente para ele, enterrei o rosto no peito sólido e inspirei o aroma débil do álcool da Elowen. Não consegui dizer-lhe que a sua mera presença era um bálsamo no meio do caos que tomava conta da minha cabeça. Não era justo da minha parte esperar que ficasse comigo, mas caramba, fiquei tão aliviada.

— E o teu vivicantem?

— Eu fico bem. Talvez um pouco rabugento, mais nada. Não vou conseguir encantar-te com muitos dos meus truques, mas... consigo sobreviver mais alguns dias sem o tomar.

O meu sorriso dissipou-se.

— E se se passarem mais do que alguns dias?

Ele passou um polegar sobre a minha testa.

— Olha para ti, preocupada com algo que ainda nem aconteceu.

— Gosto de pensar atempadamente.

— Mas estás a preocupar-te com demasiado em simultâneo. Dorme, ou serei forçado a lançar-te um feitiço.

Ao ouvir este comentário, detive-me.

— Já o fizeste antes?

— Na noite em que te tirei de Bonesguard, sim, quando não te calavas com as tuas perguntas incessantes.

Tive uma vaga recordação de me sentir extremamente confortável e aninhada junto a ele na garupa do cavalo. Claro que não me lembrava de nada do que se passara depois disso. Só me recordava da manhã seguinte.

— Será possível que a Elowen tenha lançado um feitiço à Aleysia?

— Nunca soube de nenhum que durasse dias, mas sim, talvez tenha acontecido.

— Há alguma forma de o quebrar?

— Os feitiços quebram-se sozinhos, mais cedo ou mais tarde. São uma forma mais frágil de magia, usados sobretudo por magriços. E talvez

por mortais, também. — Afastou uma madeixa de cabelo e entalou-a por detrás da minha orelha, o gesto uma distração menor dos pensamentos que provocara.

— Mas a Elowen mudou a cor dos meus olhos. Esse feitiço durou a minha vida quase toda, até ela morrer — afirmei, forçando-me a ignorar o gesto gentil do Zevander a brincar com o meu cabelo.

— Tenho a certeza de que esse feitiço foi feito com sangue. Duvido que tivesse recorrido à mesma estratégia para pôr em prática um feitiço de sono.

— Porquê?

— Porque é demasiado arriscado usar o nosso sangue em alguém. Além disso, aparentemente nem a sua morte libertou a tua irmã. A não ser...

— A não ser que o quê?

Ele suspirou e deitou-se de costas, pondo um braço por baixo da cabeça.

— Que não fosse o seu sangue.

Ao mudar de posição, permitiu-me ver claramente o quarto onde a Aleysia dormia, e a escuridão provocou um novo arrepio que me trespassou.

— Se não foi o sangue da Elowen, a Aleysia vai continuar a dormir até encontrarmos a quem, ou o quê, está ligada.

— Essencialmente, sim.

— Será necessário matar a outra parte para quebrar o feitiço?

Ele encolheu os ombros.

— Não necessariamente. Desde que tenha capacidade para pronunciar o feitiço que a pôs a dormir. Mas é tudo absolutamente hipotético. Se foi usado um feitiço de sangue, procurar a criatura a quem a tua irmã ficou ligada seria como procurar uma folha em particular no meio da floresta. Pode ser qualquer pessoa, qualquer coisa. Nem sequer sabemos se está ou não sob o efeito de um feitiço. Considerando o frio que estava, pode estar apenas comatosa.

— Ah, então *sabes* o que acontece aos mortais quando estão demasiado frios. — Apoiei-me num cotovelo e suspirei, vendo o sorriso travesso nos seus lábios. — Nesse caso, não temos outro remédio senão esperar.

Como se não conseguisse resistir, virou-se para mim e passou a mão sobre a curva da minha anca, os dedos enroscados com propriedade e puxou-me para si.

Encostei o rosto ao seu peito, mas alguma coisa mudara desde a última noite. Apesar do grito angustiado do meu coração e do desejo

insuportável que se agarrava às minhas costelas, a minha cabeça já começara a distanciar-se. Fechei os olhos e agarrei-o com força, desesperada por me manter naquele momento. Para evitar que a minha mente deslizesse para a desesperança que o futuro me fazia sentir.

Vai correr tudo bem. Tudo acabará por se resolver. É o que acontece sempre.

— Estás bem? — A pergunta do Zevander interrompeu os meus pensamentos. — As tuas unhas parecem determinadas a rasgar-me a pele sobre as costelas. — A diversão toldava-lhe a voz, e afrouxei as mãos.

— Devia estar maravilhada por a ter encontrado, mas agora tudo me parece tão pesado.

— O mundo nem sempre é justo. Até te pode dar uma coisa, mas tira-te outra em troca.

— Sinto que me tirou mais do que me deu. — Abanei a cabeça, com o maxilar cerrado. — Não vou permitir que volte a tirar-me nada. Quero regressar aos nossos treinos enquanto aqui estivermos. Preciso de aprender a defender-me, e à minha irmã, daquelas criaturas lá fora.

— Sim, é boa ideia, mas parece que planeias enfrentá-las sozinha. — Passou o polegar pelo meu rosto, os olhos a arder de determinação. — Eu não te vou deixar, Maevyth. — Enroscando os dedos em volta da minha nuca, deu-me um beijo na testa. — Se estiveres disposta a isso, podemos começar os treinos amanhã de manhã.

Assenti e passei a mão pelos relevos do seu peito, mas quando o meu dedo encontrou uma protuberância, franzi o sobrolho e inclinei-me para a frente, para ver melhor. Um símbolo estranho parecia ter sido gravado na pele e, no seu interior, tinha símbolos ainda mais pequeninos que me fizeram pensar numa infinidade de minúsculos glifos.

Nunca tinha reparado neles. Provavelmente porque não eram muito óbvios e porque se misturavam bem na sua pele cheia de cicatrizes.

— O que é isto? — perguntei com meiguice, passando um dedo sobre a pele. Um calor estranho queimou-me a pele da ponta do dedo.

— Uma cicatriz, oferta do fogo sable.

— Queimou-te?

— Marcou-me. O que sentes é presumivelmente a raiz da minha maldição — explicou e, quando retirei a mão, ele apanhou-a e soltou uma risada. — Foram muitas as vezes que tentei cortar a pele do peito.

Tateei as cicatrizes que contornavam o símbolo, as que pareciam ter sido feitas com facas.

— É isto que te vincula à chama?

Ele roçou a palma da mão sobre os nós dos meus dedos, a seguir levantou-os e beijou as pontas, antes de voltar a pousar a minha mão sobre o peito.

— De acordo com o meu pai, quando eu era bebé, o Cadavros atirou-me para um veio de fogo sable. Acreditava que só sobrevivi por causa desta marca, já que a maior parte das pessoas não consegue aproximar-se sequer alguns metros do fogo sem se dissolverem.

O horror do que acabara de me contar abateu-se sobre mim, serpenteando por baixo da minha pele.

— E, mesmo sabendo disso, atirou-te para o *interior* de um veio? Porque havia de fazer semelhante coisa a uma criança?

— Aparentemente ficou furioso por eu ter esta marca.

— E quem te foi buscar?

— O Cadavros.

— Mas disseste que a maior parte das pessoas se dissolve com a chama. Há mais alguém, além de ti, que consiga suportá-la? — O episódio fez-me lembrar quando aquele mago me levou consigo, o que queria sacrificar-me. Ele também segurara fogo na mão, antes de o empurrar pela minha garganta abaixo.

— Sim. Há alguns magos habilidosos que o conseguem manipular, mas até eles têm limites. Segundo sei, o Cadavros sofreu uma queimadura antes de me tirar das chamas. A minha mãe acreditava ser um castigo dos deuses por me ter submetido ao ritual. — O tom de diversão nas suas palavras sugeria que o Zevander não acreditava na teoria.

— Mas tu não pensas assim.

— Os deuses estão-se nas tintas para nós. Divertem-se com o nosso sofrimento, alegram-se com a nossa dor. — Comprimiu a mão aberta contra a minha e voltou a fechar os dedos sobre os meus, beijando-os mais uma vez. — Mais depressa ficariam a ver uma criança a arder no fogo do que tentavam resgatá-la.

— Mas por que razão havia ele de te ir buscar ao veio?

— Acredito que tinha outras intenções. Não sei bem como, mas ele deseja que me junte a si.

— Isso não faz sentido. Porque tentaria matar-te em bebé, se queria que te juntasses a ele?

O Zevander encolheu os ombros.

— Uma vez, o meu pai afirmou que o Cadavros tentou consumir-me. Aquele comentário trouxe recordações da tal criatura a consumir o Sr. Moros e a assumir a sua forma logo a seguir.

— Se te consumisse, ficaria com o teu poder? — As palavras colavam-se à minha garganta como óleo que não queria engolir. A mera imagem de um mago a consumir um bebé deixava uma mancha suja nos meus pensamentos.

— Imagino que sim. Eu possuo o elemento mais antigo e perigoso do mundo. — Passou os dedos pelos meus ombros e beijou-me a curva dos ossos. — Faz sentido que me quisesse recrutar para a sua causa.

— E qual é a sua causa, exatamente?

— De acordo com a profecia, à medida que a Pestilência Negra alastra, o seu poder aumenta. À exceção do Dolion, nunca conheci um mago que não sonhasse em ser o mais poderoso e adorado do mundo.

— E ele quer que o ajudes a adquirir mais poder — comentei, a conversa incapaz de me distrair das carícias suaves das suas mãos e da voz calma onde desejava desesperadamente perder-me. Em vez disso, as palavras do Zevander voltaram a trazer ao pensamento uma preocupação que tentara afugentar. — Esse argumento não abona propriamente a favor da tua permanência em Mortasia.

Ele riu-se.

— Pois, mas já determinámos que não te vou deixar aqui sozinha.

— Sim. — Mas mesmo assim, os pensamentos persistiam. — Ele pode ser morto?

— O Cadavros partilha o sangue com o Príncipe Dorjan, através de um amuleto que os une. Caso morra, o príncipe também morre e uma pestilência será libertada por toda a Aethyria.

— Como aqui.

— Sim, mas muito pior.

— Como poderia ser pior?

— Imagina que aquelas criaturas lá fora tinham magia de sangue e que davam luta.

A mera ideia fez com que todos os meus músculos estremecessem. Em Mortasia, comportavam-se como pouco mais do que aranhas monstruosas e, apesar de conseguirem fugir rapidamente, podiam ser mortas.

— Não teríamos a menor hipótese. — Só reparei que estava a roer as unhas quando o Zevander me afastou a mão da boca. — E, hipoteticamente, o que significaria se te juntasses a ele?

Puxou-me a cabeça para trás com a palma da mão.

— Mais depressa trespassava a minha própria garganta com uma lâmina afiada — respondeu contra a curva do meu pescoço, enquanto me beijava.

De olhos fechados, expirei pelo nariz, o corpo lasso a desejar mais, mas deixei-me ficar quieta, obrigando-me a parecer pouco afetada pelos carinhos. Não porque quisesse rejeitá-lo. Pelo contrário, precisava do seu afeto mais do que nunca. Desejava-o de uma forma necessária e indulgente — como acontecia naquelas ocasiões em que a Agatha, a avó maldita, se sentia particularmente cruel e eu e a Aleysia fugíamos para a adega do avô, para nos perdermos nas delícias do vinho e das gargalhadas.

Uma bênção temporária.

Por muito que o toque do Zevander tivesse o poder de me fazer esquecer os pensamentos, não mudava a natureza do nosso dilema. Em relação à minha irmã, continuávamos a enfrentar um dilema sem solução aparente.

Senti-o sorrir contra a minha pele.

— Estás a tentar ignorar-me, mas sinto a tua pulsação a acelerar debaixo dos meus lábios.

Pigarreei e baixei o queixo.

— Sei perfeitamente que jamais te juntarias ao Cadavros de *livre e espontânea vontade* — afirmei, mudando de assunto. — Só estou curiosa quanto às implicações, se um dia cedesses à sua vontade.

Pressentindo claramente a minha resistência, voltou a deitar-se de costas.

— No mínimo? A destruição total. Como disse, a chama negra é um poder muito antigo, concebido para expurgar, para queimar o velho e dar origem ao novo. Pelo menos é o que os manuais nos ensinam.

— E na pior das hipóteses?

Ele franziu as sobrancelhas e olhou para a janela.

— Não sei. Nunca explorei todo o potencial da minha magia. É uma porta que sempre mantive fechada.

— Porque temes o seu poder?

— Qualquer homem são temeria. Tenho em mim o elemento mais destrutivo que existe. E infelizmente, não acredito que o Cadavros o tema tanto quanto devia.

— O que pode obrigar-te a partir, afinal. Se ele estiver disposto a possuir o teu poder a qualquer custo, seria muito perigoso ficares aqui. — Um novo pânico enterrou-se no meu peito.

O Zevander virou-se para mim, o olhar austero e implacável.

— Para o caso de não ter sido completamente claro quando o disse pela primeira vez, permite-me que reitere. Não te vou deixar aqui sozinha. Ponto final.

Se soubesse o alívio e segurança que as suas palavras me provocavam sempre. Como ansiava perder-me nos seus braços e ficar ali o resto da vida.

Mas como podia pedir-lhe que ficasse por mim, se ao fazê-lo punha dois mundos em risco?

Não podia. Não *queria* pedir-lhe semelhante coisa.

Além disso, o regresso a Aethyria era uma opção verdadeira para mim?

— Os magos que tentaram matar-me, acreditam realmente que desistiram de me procurar?

— Não. Eles acreditam na profecia que diz que o Umbravale vai desabar e que tu és a sua única hipótese para fortalecer as barreiras entre os mundos. Enquanto essa ameaça persistir, jamais desistirão de te encontrar. — Passou o polegar sobre o meu lábio inferior. — Como disse, por enquanto, é melhor ficarmos ambos aqui. Eu não serei obrigado a lutar contra os magos mais poderosos do nosso mundo, só contra meia dúzia de aranhões infetados, mais nada.

— Tu és a pessoa mais teimosa que conheço.

— Diz a mulher mais casmurra que já conheci. Diria que estamos bem um para o outro. — Inclinou a cabeça em direção aos meus lábios e encostei a mão ao seu peito.

— Espera, Zevander... — Todo o meu corpo me doía com o esforço de o afastar de mim. Desejava ardentemente afogar-me no seu beijo. — Se escolheres ficar, o que vai acontecer quando se acabar o teu vivicantem?

À semelhança do que aconteceu quando lhe fiz a pergunta pela primeira vez, a expressão do seu rosto ensombrou-se, os olhos perderam-se em pensamentos.

— Como já disse, preocupas-te com demasiado ao mesmo tempo.

— E tu continuas a tentar proteger-me. — Baixei os olhos para o seu peito e puxei um fio solto na túnica. — Ainda não sabemos o que vai acontecer e acho que devíamos esperar. Pelo menos, até a Aleysia acordar. *Se* acordar. — Era inútil discutir com ele agora, mas um de nós, se não mesmo os dois, teria uma decisão difícil para tomar. Quer fosse ele, que não teria outro remédio a não ser voltar para Aethyria, não obstante

a insistência em ficar, ou eu, que teria de decidir o que fazer se a minha irmã não acordasse.

— Não fazes claramente ideia de quão irresistível és, se pensas que consigo ficar deitado ao teu lado durante uma noite que seja sem ter vontade de te tocar. — Voltou a deitar-se de costas e a pôr um braço por baixo da cabeça. — Como posso convencer-te de que a única coisa que me vai afastar de ti é a morte? E mesmo nesse caso, tentaria encontrar uma forma de ir ter contigo.

— Não preciso que me convenças de nada. O mero facto de estares aqui prova o tipo de homem que és. Mas não podemos controlar o destino. E o meu coração não vai permitir que me deixe ficar a ver-te morrer aos poucos só para me protegeres, por isso, talvez seja eu quem acabará forçada a tomar uma decisão difícil. Por agora, peço apenas que paremos um pouco. Para ver se consigo organizar a cabeça.

Os seus lábios curvaram-se num sorriso solene.

— Não consigo decidir se estou mais impressionado pela tua beleza ou pela tua lógica. — O sorriso dissipou-se quando voltou a olhar para mim e, pelos deuses, se ele soubesse que por detrás da «lógica», como lhe chamava, por detrás da resignação, havia apenas uma rapariga que desejava ser arrebatada pelo seu abraço protetor. Que desejava saborear a doçura das primeiras experiências com ele sem o caos e a confusão que nos rodeavam. — O que me pode matar não é ficar aqui para te proteger, mas sim ficar longe de ti.

O meu coração roía-me o peito.

— Será temporário, prometo. — Olhei rapidamente para o quarto onde a Aleysia dormia com a porta aberta. — Além disso, não te incomoda a possibilidade de termos público?

A testa dele estremeceu e desviou os olhos dos meus. Uma sombra de desconforto escureceu-lhe o olhar e foi naquele instante que uma desconfiança muito sinistra se instalou nas minhas entranhas, contorcendo-as com remorsos. Enquanto me lembrava das cicatrizes dos abusos que sofrera, não me ocorria uma única razão para um homem tão frio e apático como o Zevander reagir de forma contrária. Parte de mim queria ser corajosa e destemida para lhe perguntar diretamente o que lhe fizeram. Mas, em vez disso, a pergunta ficou pousada na minha língua como uma camada de giz.

— Desculpa...

— Não tens de pedir desculpa. Tens toda a razão. Foi errado da minha parte sugerir tocar-te dessa forma.

Errado?

A postura do Zevander mudou completamente numa fração de segundo. Levantou-se do chão, mas consegui agarrar-lhe o braço a tempo.

— Não foi errado coisa nenhuma, podes sugerir o que te apetecer. Por favor, não te levantes. Fica comigo.

Franziu as sobrancelhas, como se estivesse confuso, mas levantou-se mesmo assim, para atizar as brasas na lareira.

As minhas palavras perturbaram-no. Talvez trazido à memória recordações do passado. Em vez de o pressionar e arriscar dizer alguma coisa ignorante, mudei de assunto.

— Vou só lavar-me. Ainda não tive oportunidade para o fazer depois desta noite.

Ele estremeceu e encostou a palma da mão à têmpora, fechando os olhos com força. Quando voltou a abri-los, ardia neles uma enorme hostilidade.

— O que acabaste de dizer?

Confusa, pensei nas minhas palavras.

— Disse que ainda não tive oportunidade para me lavar.

— Depois disso. — Voltou a pousar o atizador da lareira no suporte.

— Não disse mais nada. O que ouviste? — Baixei os olhos e vi que a mão lhe tremia ao lado do corpo, enquanto fletia os dedos, cerrando-os em punhos que abria e fechava repetidamente.

— Já não importa.

Mantive os olhos fixos no punho do Zevander.

— Mas estás claramente perturbado com qualquer coisa que eu disse. O que foi?

Talvez pressentindo o meu olhar, passou uma mão sobre o maxilar, sem suavizar a malícia que lhe invadira os olhos.

— Diz-me, por favor.

O seu maxilar tremeu, desviou os olhos e contorceu os lábios num esgar de repulsa.

— *Sordesz vet signe da'servio* — disse com os dentes cerrados. — A sujidade é a marca do escravo.

Franzi o sobrolho ao ouvir aquelas palavras.

— Acreditas que disse semelhante coisa? — Quando não me respondeu, continuei. — Não devia ser eu a sentir-me insultada por essas palavras, considerando que quem está suja sou *eu*?

O seu olhar zangado desceu até ao meu estômago e voltou para cima.

Hesitei pela segunda vez naquela noite, percebendo finalmente o que se passava. Pousei a mão no estômago, onde, por baixo da túnica, a sua libertação de há algumas horas já secara sobre a minha pele.

— Achas que estou a chamar-*te* sujo? Pelo que tu...

Ele encaminhou-se para a janela.

— Eu fico a vigiar enquanto te limpas.

Não suportei a ideia de que, na sua cabeça, eu lhe chamara sujo. Recusava-me a deixar que aquilo pairasse entre nós. Fui na sua direção e senti um calor abrasador a queimar-me o rosto.

— Consegues imaginar palavras tão cruéis a saírem dos meus lábios?

O conflito ardia nos seus olhos, as sobrancelhas franzidas em sinal de perturbação.

— Já alguém te disse algo semelhante, é isso?

Não se deu ao trabalho de olhar para mim.

— Já não quero continuar esta conversa. Continua a tua limpeza.

— Não, não vou. Não vou a lado nenhum enquanto o meu carácter estiver a ser julgado.

Sem uma palavra, virou-me as costas.

— Zevander!

— Basta! — Estremeceu, evidentemente arrependido de ter erguido a voz daquela maneira, mas a tensão no pescoço e no maxilar continuava tão rígida como antes. — Foi imaginação minha, pronto.

— E mesmo assim, não consegues olhar para mim, o que significa que ainda questionas se o disse ou não.

Silêncio.

Aproximei-me, sem saber ao certo o que fazer com as mãos.

— Zevander, o que aconteceu entre nós foi a experiência mais sublime de toda a minha vida.

— Conspurquei-te no instante em que te toquei. — Olhou para as próprias mãos. — Estas são as mãos imundas de um escravizado — murmurou tão baixinho que quase não o ouvi.

Um escravizado?

Fiquei atordoada com as suas palavras, tão radicalmente diferentes da postura habitual, confiante e até um pouco arrogante. Era como se estivesse a falar com um homem diferente.

— Não me conspurcaste. E se estás determinado a acreditar que me arruinaste, fica sabendo que gostei bastante de tudo o que fizemos. Se o momento não fosse tão complicado, permitiria de bom grado que me sujasses novamente. — Aproximei-me um passo. — Não faço ideia dos pensamentos que te inundam a cabeça neste momento, mas não penses que tenho algum arrependimento pelo que aconteceu. Não me arrependo de nada. Posso não ter muita experiência, mas estou na posse de todas as minhas capacidades para escolher por mim mesma. E não me agrada nem um pouco a tua insinuação de que sou alguma donzela inocente que se deixa atrair pelo lobo selvagem.

Ele suspirou e olhou para trás para mim.

— Não foi minha intenção insultar-te.

— Nem eu.

— Nesse caso, concordemos em deixar a discussão por aqui.

— De acordo. — *Por agora.*

O mundo mortal
tornou-se mais perigoso.
A única hipótese de escapar
é atravessar de novo
a Floresta Devoradora.

O despertar de uma magia antiga transforma o mundo mortal num lugar mais sombrio, frio e faminto. Com monstros devoradores de carne e uma maldição sinistra que se espalha como a peste, o último vislumbre de humanidade há muito abandonou Foxglove Parish. Para Maevyth e Zevander, a única hipótese de fuga é regressar a Aethyria, mas o destino teceu uma intrincada teia que tornará a travessia muito mais difícil.

Enquanto Maevyth vai descortinando os segredos do seu passado, a possibilidade de os dois nunca conseguirem deixar Mortasia torna-se assustadoramente real. Infelizmente para Zevander, o tempo está a esgotar-se, pois, ao ver-se privado de vivicantem nas terras mortais, fica mais perto de sucumbir ao assustador espectro da loucura.

E, desta vez, talvez nem Maevyth o consiga salvar.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller_editora
f topseller.ed
penguinlivros

ISBN: 978-989-589-663-9



9

789895 896639